

DA ESSÊNCIA À SUPERFICIALIDADE: INTERAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS POR MEIO DA CORPOREIDADE

Igor Oliveira Duarte¹

Luis Fernando de Souza Pereira²

Yasmin Maria dos Santos Braga Ferreira³

O ensaio fotográfico aqui apresentado possui como conceito básico e central a relação entre ser humano e ambiente (aqui tratado como Natureza). Nesse sentido, buscou-se explorar as diferentes vicissitudes definidoras de tão complexa relação.

O ser humano, enquanto espécie, está envolto, desde seu surgimento no planeta, em uma cadeia extremamente ampla de associações para com o meio ambiente - que o cerca e engloba. Apesar disso, essa imensa rede de elos, composta de infinitas e variadas espécies - além de ecossistemas e dinâmicas ecológicas - não se comportou da mesma forma por todo o período de existência da espécie humana. As primeiras comunidades formadas pelo Homem - as quais funcionavam nas bases do nomadismo e da caça-coleta - construíram um modo de ser-estar pautado na conexão

1 Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. igoroliveiraduarte1@gmail.com.

✉ Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais - MG, 31270-901

2 Graduando em Arqueologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. luisfernando14souza@gmail.com.

✉ Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais - MG, 31270-901

3 Graduanda em Ciências Socioambientais pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. yasmindsbr@gmail.com.

✉ Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais - MG, 31270-901

Da essência à superficialidade: interações sociambientais por meio da corporeidade
Igor Oliveira Duarte, Luís Fernando de Souza Pereira, Yasmin Maria dos Santos Braga Ferreira

com as demais esferas da Natureza. Tal cosmogonia se modificou intensamente conforme a espécie se desenvolvia e aumentava consideravelmente de tamanho - espalhando-se, no processo, por toda a extensão territorial do planeta; e, conseqüentemente, entrando em contato com formas naturais outras, desconhecidas para os humanos ancestrais. Com o vindouro surgimento da agricultura - na chamada Revolução Neolítica - o ritmo de mudanças na vida humana aumentou vertiginosamente, culminando, após alguns milênios, na sociedade ocidentalizada atual, estabelecida como parte do modelo capitalista. Porém, enxergar esta História Natural da espécie apenas como uma linha reta seria errôneo e obsoleto - conforme décadas de produção científica no campo das Humanidades discutem muito bem. Ao longo dos milênios decorridos desde a Revolução Neolítica, diversas sociedades - existentes hoje em dia ou não - conseguiram estabelecer variados modelos de relação para com a Natureza que entram em conflito com as bases da sociedade capitalista e de sua visão predatória dos recursos naturais. E é observando o modo de ser e comungar com o universo natural destas sociedades tradicionais (aquelas que conseguiram resistir até os dias de hoje) que pode-se refletir sobre as diferenças entre tais modelos e aquele empregado na sociedade ocidentalizada contemporânea; pensando sobre os cada vez maiores perigos que uma vida tão desconectada da Natureza acarreta para nossa espécie - conforme tencionado por Diogo Menezes Costa (2003)⁴.

Contudo, existe um elemento primordial para a coexistência do ser humano com a natureza e com seus coletivos: o corpo, um complexo sensível. Uma simbiose do afetar e ser afetado, do sentir e fazer sentir. Afinal, o corpo é “um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de termos co-variantes” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.210)⁵. Além disso, ele não existe sem o espaço. “Ser corpo [...] é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.205). O viver e o sentir evoca espacialidades, que por sua vez, revelam a experiência como um invólucro “que se confunde com o próprio ser do corpo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.205).

Assim, é plenamente possível perceber como indivíduos que desenvolvem uma cosmovisão na qual se enxergam como parte componente da Natureza possuem muito mais chances - se não todas elas - de viverem em comunhão harmônica com o ambiente ao seu redor - e dentro de si.

4 COSTA, Diogo Menezes. Ecoarqueologia das mudanças climáticas: da resiliência pré-histórica à sustentabilidade contemporânea. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 274–298, 2023. DOI: 10.24885/sab.v36i2.1035.

5 MERLEAU-PONTY, Maurice. **A síntese do corpo próprio**. In: A fenomenologia da percepção. Martins Fontes. Tradução de Carlos Alberto de Moura, 2ª ed: São Paulo, 1999. pg. 205-212.

Da essência à superficialidade: interações sociambientais por meio da corporeidade
Igor Oliveira Duarte, Luís Fernando de Souza Pereira, Yasmin Maria dos Santos Braga Ferreira

PARTE I COMUNHÃO

Do sentir ao devir
do toque ao ouvir
do desconhecido ao lugar
um vasto e individual lar

“Metaformoses” existentes
do corpo flutuante à integração
um corpo-mente e lugar em cooperação
à mãe deve-se adoração

Como tudo mudou?
O que o futuro herdou?
Meu antigo irmão concordou?

Ao tudo que a mãe bordou
o corpo fundido ao osso da terra
das ondas do mar aos movimentos da serra
meu irmão mais novo se acovardou

...



Figura 1: Lugar I



Figura 2: Movimento



Figura 3: Essência



Figura 4: Organogênese



Figura 5: Simbiose



Figura 6: Difusão



Figura 7: Fixação



Figura 8: Ciclo



Figura 9: Melancolia



Figura 10: Exultação

Da essência à superficialidade: interações sociambientais por meio da corporeidade
Igor Oliveira Duarte, Luís Fernando de Souza Pereira, Yasmin Maria dos Santos Braga Ferreira

PARTE II ASSIMETRIA

Dos desencontros ao meu perder
dos avanços ao meu perecer
dos lugares ao meu desprender
aos restos estagnados de mim

Incongruente habitação
daqueles que me procuram
aqueles que me veem em destruição
estancio por sob a desconexão

quem é esse corpo linear?
por que me peso a continuar?
onde está o meu lar?

Ao corpo que me sobrou
para a casa que me criou
desarmonia à semelhança
das entranhas que me negam a esperança



Figura 11: Lugar II



Figura 12: Trajetória



Figura 13: Inércia



Figura 14: Superfície



Figura 15: Banquete



Figura 16: Câmbio



Figura 17: Borbulho



Figura 18: Conforto



Figura 19: Atentado



Figura 20: Epílogo